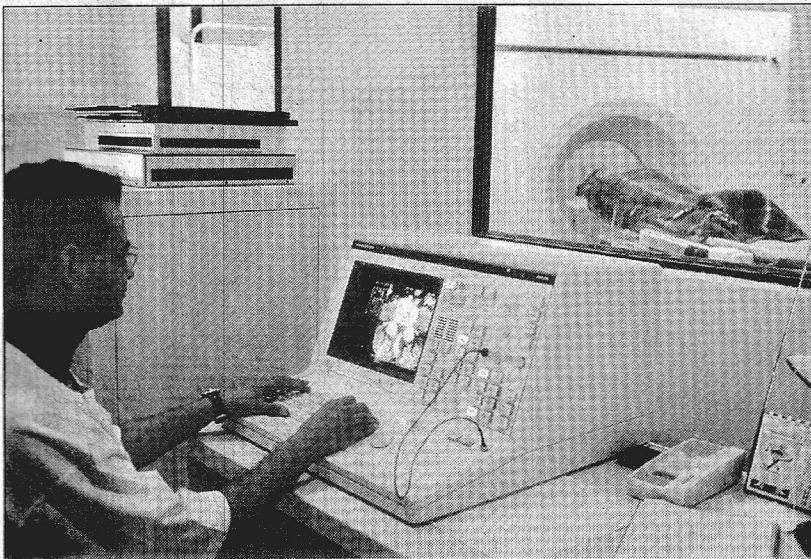
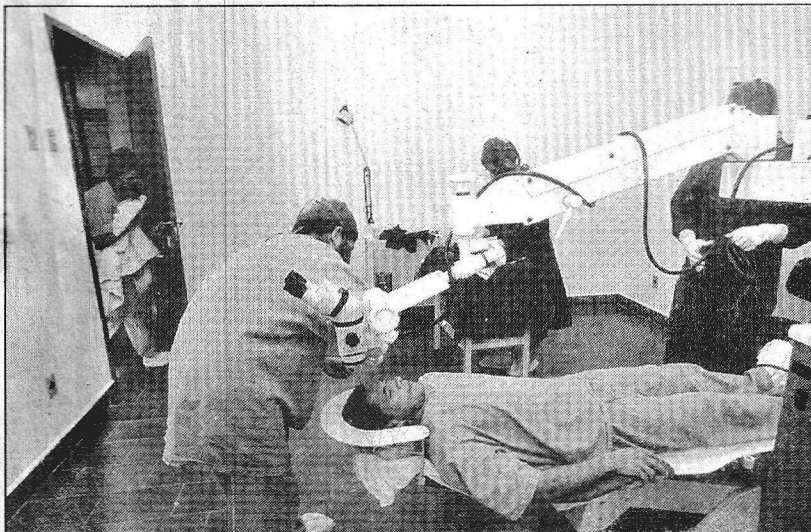




Em Santo Antônio do Monte, tomógrafo apóia pediatras e ginecologistas



O centro oftalmológico de Iguatama fez mais de mil cirurgias de catarata

Espantando a chuva e a cegueira

Saúde CORREIO BRAZILIENSE 01 MAI 1996

Iguatama é um município de 8.700 habitantes, situado a 185 km a oeste de Belo Horizonte. O seu atual prefeito, Manoel Bibiano de Carvalho (-PMDB), leva no currículo uma obra polêmica e um feito aplaudido por unanimidade.

No ano passado, "Mané do Titi" — Titi era o apelido do pai, Joaquim — se atreveu a erguer a maior carranca do mundo: nada menos que 5,1 metros de comprimento em 7 toneladas de madeira fincadas às margens do rio São Francisco. O povo da roça não gostou. Acha que Mané brincou com coisa séria e, em vez de afastar maus espíritos, só conseguiu espantar a chuva.

Mas a enorme popularidade de Mané se explica por outra razão. A duras penas, ele abriu um centro oftalmológico que se tornou campeão absoluto no número de cirurgias de catarata financiadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Foram mais de mil, em menos de um ano de existência.

Pequeno, mas moderno, o centro não faz ninguém entrar em fila para aguardar meses ou até anos para fazer a operação, como acontece em outros hospitais públicos pelo país afora. Numa região em que os baixos valores da tabela do SUS institucionalizaram o hábito de médicos e fun-

cionários cobrarem por fora, ele destaca: "O mais importante é que é tudo de graça. Não pode dar nem presente. A corrupção começa por aí. Hoje é um presente, amanhã é um cheque."

Mas Iguatama não está só. Integra com outros 15 municípios o que se chama de consórcio da saúde. A coisa funciona assim: isoladamente, nenhum desses municípios tem recursos para oferecer à sua população uma assistência médica decente. Juntos, eles dividem as atribuições e os custos, e são capazes até de dispor de sofisticados equipamentos ou realizar complicados procedimentos médicos e laboratoriais.

A UNIÃO DAS FORMIGAS

Para manter o hospital, que só no mês passado equilibrou receita e despesa, Iguatama faz um esforço semelhante ao de uma formiga, um dos raros animais capazes de carregar objetos bem mais pesados que o seu próprio peso. A sua sorte é que outras formigas estão trabalhando em outras áreas.

Santo Antônio do Monte, município administrado pelo PSDB, cuida da pediatria e da ginecologia. E tem até tomógrafo, equipamento que permite diagnosticar câncer e doenças do cérebro. Lagoa da Prata, onde

quem manda é o PT, fica com a área de saúde mental. E por aí vai.

Tudo começou em outro município integrado ao consórcio, Moema. Foi lá que uma equipe de professores e alunos da Faculdade de Ciências Médicas descobriu um pequeno hospital, de 35 leitos, que se encontrava fechado há dois anos.

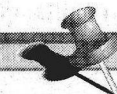
O prefeito Rafael Bernardes Ferreira (PFL) conseguiu dinheiro para construí-lo mas não para colocá-lo em funcionamento. A faculdade se propôs a assumir a sua administração, para que ele fosse usado no treinamento de futuros médicos. A prefeitura topou, e foi assim que Moema, com apenas 6.500 habitantes, passou a contar com um hospital universitário.

O passo seguinte foi a montagem do consórcio, que, também por sugestão da faculdade, nasceu em 1993, de início só com seis municípios. A idéia não era original. Foi colocada em prática pela primeira vez em municípios paulistas, liderados por Penápolis, ainda na década de 80. Acontece que, em Minas, o diretor da faculdade na época, o cirurgião José Rafael Guerra Pinto Coelho, se tornou em 1995 secretário estadual da Saúde e resolveu espalhar a idéia pelo estado afora.

Hoje, dos 756 municípios mineiros

(sem contar 96 recentemente emancipados e ainda não constituídos), 450 integram 40 consórcios, quase todos em formação. Mas o consórcio do Vale de São Francisco — que fez o ministro da Saúde, Adib Jatene, vibrar quando foi conhecê-lo de perto — ainda é a principal referência para os demais.

Como nas demais aventuras brasileiras, há problemas. Tomógrafo, um aparelho que custa R\$ 500 mil, é algo muito caro mesmo para a população total de 200 mil pessoas abrangida pelo consórcio. Um de seus idealizadores, o médico Luiz Eduardo do Nascimento, concorda, pragmaticamente: "Realmente, o Brasil precisa mais de atendimento básico do que de hospital, mas não conseguiríamos o apoio dos prefeitos propondo só medicina preventiva, ação que estamos intensificando agora. Para entrar na dança, você tem que pegar a música. E a música é assistencial".



LEIA AMANHÃ:

Em Quixadá, no Ceará, programa de saúde reduziu pela metade a taxa de mortalidade infantil